

CIDADE INFECTA

Teresa Veiga

cidade
infecta

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXX

ÍNDICE

I. A FAMÍLIA LOUVADEUS	7
II. A RAPARIGA DO RENAULT BRANCO	15
III. O BANDO	23
IV. NEGÓCIOS DE FAMÍLIA	33
V. BRINCADEIRAS PROIBIDAS	47
VI. ARNICA MONTANA	51
VII. ATOLADO EM PROFUNDO LAMAÇAL	59
VIII. FELIZ EM BILBAU	73
IX. ROGÉRIO APRENDE A DANÇAR	91
X. O MAL É VIZINHO DO BEM	99
XI. EMBRIAGADOS DE DESEJO E DE TERNURA	111
XII. A MORTE VEM SEMPRE À TRAIÇÃO	125
XIII. GENTE PARA VOMITAR DA BOCA	137
XIV. O TRIUNFO DA NORMALIDADE	155

© 2020, Teresa Veiga
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28 / 29
info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Cidade Infecta*
Autora: Teresa Veiga
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Agosto de 2020

ISBN 978-989-671-559-5
Depósito Legal n.º 472327/20

CAPÍTULO I

A FAMÍLIA LOUVADEUS

O relógio do Seminário dava a meia hora quando Anabela meteu a chave na fechadura, fazendo-a dar duas voltas completas com uma rapidez e leveza que contrastavam com o movimento sincopado e brutal que efectuara três horas antes. Mal a porta se abriu entrou em casa e fechou a porta nas suas costas com uma hábil tacada do tornozelo direito enquanto a mão esquerda alcançava o ponto exacto da parede onde se encontrava o comutador.

Um jorro de claridade intensa expandiu-se a partir do candeeiro metálico do tecto, devorando as sombras e eliminando a noção de recantos num cenário perfeitamente delimitado pelas esquadrias das portas pintadas de branco e pelo perfil das escadas ao fundo prolongando-se invisivelmente para lá da curva. Estava tudo em ordem, claro, embora a inércia natural das coisas, em tempo de medo, parecesse tão suspeita como tudo o resto. Fechou a porta à chave. Mais uma vez esteve prestes a sucumbir à tentação de correr

o cadeado e mais uma vez a dissuadiu a ideia de que era uma prova iniludível de fraqueza antecipar o gesto que, tal como fechar a torneira do gás, reservava para o último momento antes de subir as escadas para se deitar. Depois foi a ronda do rés-do-chão ainda antes de despir o casaco e tirar as botas, a que se seguiu a do primeiro andar, felizmente simplificada por só dois quartos estarem mobilados — os outros dois, vazios e trancados, gozavam de um estatuto de inocuidade — e uma rápida verificação de que a chave do sótão estava em posição horizontal, tal como a deixara. O medo, pensou, estava a instalar-se nela e a complicar inutilmente todos os momentos do seu dia-a-dia, mas não ia permitir que se transformasse numa obsessão doentia que não lhe deixasse tempo para viver.

Terminada a inspecção da casa foi para a cozinha, deixando atrás de si uma Via Láctea cintilante. Nesse ponto o marido tinha razão. Era uma esbanjadora em matéria de electricidade e não apenas para afugentar fantasmas. Detestava os ambientes mal iluminados, porque lhe faziam lembrar os tempos de infância em que vivia com a família, sombra entre sombras desde o cair da noite, estudando e comendo sob a luz mortiça de lâmpadas de 30 watts para pouparem na factura da electricidade.

Foi ao frigorífico buscar o meio frango que tivera o cuidado de tirar do congelador logo de manhã e levou-o para a bancada do lava-louças. Cozinhar para ela era um prazer que assentava essencialmente na novidade da confecção e dos temperos. Podia gabar-

-se de que os seus meios frangos nunca se assemelhavam uns aos outros. Mesmo os seus inimigos, à cabeça dos quais vinha a sogra, nunca se lembrariam de a atacar por esse lado. Consultou o relógio e, avaliando o tempo que lhe restava, foi buscar a sua colecção cartonada de *A Boa Mesa*, a fim de procurar motivos de inspiração.

Estava casada há cinco anos e a sua vida conjugal não era propriamente um mar de rosas. Achava no entanto que não tinha o direito de se queixar porque fora uma decisão que tomara com plena consciência a pensar nas vantagens que daí lhe advinham. Nunca se sentira fisicamente atraída pelo marido mas apreciava a solidez dos seus raciocínios e a sua inteligência para números — era 2.º ajudante num cartório — e também que fosse alto e forte e de uma calma a toda a prova, tal como um segurança que tivesse contratado para a proteger de ameaças à sua vida pessoal. Agora, ao pensar nisso, quase ria alto com escárnio de si própria. Quisera um casamento de estadão e tivera-o, dois dias de festejos, o primeiro aberto a todos os parentes e conhecidos, o segundo para convivas seleccionados à volta de uma mesa de banquete num hotel de luxo, sem se importar com o rombo nas economias de Rogério e as críticas mais ou menos veladas nas suas costas. Se os sogros já não tinham gostado do *background* social e económico da noiva do filho, as reticências que tinham oposto ao casamento converteram-se num ressentimento feroz.

Foi esta a primeira e única vez que Rogério discutiu com os pais e tomou partido pela mulher. Quando lhes comunicou que iam sair do andar alugado, demasiado pequeno e onde eram obrigados a suportar o barulho dos vizinhos, para uma vivenda numa zona nova às portas da cidade, receberam este novo golpe com dignidade e até fingiram acreditar que era uma decisão tomada a pensar num próximo alargamento da família. Porém os anos passaram, no horizonte nunca se perfilou a chegada de uma criança e deixaram de se ouvir as palavras filho e neto. Pressionada por Rogério, Anabela consultara um médico e fizera durante algum tempo um tratamento, sem resultado. Mas teria mesmo cumprido as instruções do médico? Rogério duvidava. Convenceu-se até de que ela nunca deixara de tomar contraceptivos mas nem tentou encontrar provas porque sabia muito bem que a mulher era demasiado esperta para se deixar apanhar. Finalmente Anabela declarou que não voltava ao médico se Rogério não se submetesse também a um exame para se saber a quem atribuir a esterilidade e depois de uma troca de acusações exaltadas o assunto morrera ali. Uma visita dos sogros que correu mal contribuiu para tornar ainda mais tensas as relações do casal. Anabela, para quem o brio em matéria de lides domésticas se sobrepunha a rancores e atritos, andara a encerrar a casa desde as seis da manhã e só se foi arranjar quando, floridas as jarras, substituídas as toalhas, corridos os reposteiros, tendo voltado atrás para dar volume a uma almofada

ligeiramente amarrotada, conseguiu aquele efeito de perfeita harmonia que tanto a atraía nas revistas de decoração de interiores. O incidente deu-se ainda antes do almoço, sabotando todo aquele esforço e tornando-o patético e ridículo. Estava ela de volta do tacho onde fumegava um ensopado de cabrito quando ouviu uma série de estrondos seguidos de gritos. Era a sogra que acabava de descer as escadas interiores sem pisar os degraus e exprimia o pânico e a surpresa de ainda estar viva. Anabela foi acusada de ter andado, não a encerrar, mas a espalhar cera às postas, sabendo muito bem o perigo que os dois velhos corriam, e teve uma das suas pouco frequentes explosões de fúria. Rogério interveio, sacudiu Anabela, e como ela continuasse a insultar a sogra agarrou-a pelos ombros e empurrou-a, fazendo-a desequilibrar-se e cair ao chão. A agressão inesperada restituiu a Anabela a calma e a presença de espírito. Tirou o avental, pegou na carteira e pôs-se a caminho do hospital, servindo-se do lenço como um tampão para absorver o sangue que escorria do nariz, indiferente aos olhares de estranheza que suscitava. Fizeram-lhe uma radiografia. Não tinha nada partido. Ficou uns minutos a meditar, entre o alívio e o desapontamento, e retirou-se sem apresentar queixa. Sabia que à sua maneira tinha ganho a partida. Rogério ia ser obrigado a controlar-se e perdera o direito de interferir na sua vida.

Não tardou no entanto a aperceber-se do efeito negativo do incidente no relacionamento com os

NOTA BIOGRÁFICA

Teresa Veiga nasceu em Lisboa em 1945. Licenciada em Direito e mais tarde em Literaturas Românicas, exerceu por um breve período de tempo a actividade de conservadora do Registo Civil. É autora de outros sete livros, entre volumes de contos, novelas e romances: *Jacobo e Outras Histórias* (1980), *O Último Amante* (1990), *História da Bela Fria* (1992), *A Paz Doméstica* (1999), *As Enganadas* (2003), *Uma Aventura Secreta do Marquês de Bradomín* (2008) e *Gente Melancolicamente Louca* (2015).

cidade infecta

foi composto em caracteres HoeflerText
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 80 gramas,
em Agosto de 2020.